

A saga do guerreiro caririense



Rosemberg Cariry se reconhece como um boêmio convicto, incorrigível e cíclico, que alterna os momentos de boemia com os de criação.

No cancionista nordestino tem uma música, muito popular, que diz assim: “Só deixo o meu Cariri/no último pau-de-arara/mas só deixo o meu Cariri/no último pau-de-arara”. A insistência verbal reafirma o apego de um povo à sua terra, apesar da seca, da pobreza, da fome...

Pode parecer contraditório, mas o cearense Rosemberg, de sobrenome (artístico) Cariry, não encontrou nenhuma resistência “no sangue” quando resolveu deixar o sertão. Ele ganhou as estradas para Minas Gerais ainda menino, depois voltou para o Ceará, mas não se conformou com o interior por muito tempo. Logo, logo foi morar na “capitá”, Fortaleza.

As andanças pelo mundo fizeram de Rosemberg um poeta/compositor/cineasta. Na verdade, o único homem de cinema do Estado com algum destaque. O traço marcante de sua obra é a cultura popular nordestina, que aflora agreste, conflituosa, submissa e questionadora. Tudo arrumado para mostrar uma gente rude, capaz até de reinventar conceitos e normas pré-estabelecidas.

A simbiose com o povo não é casual. Rosemberg é filho de um pequeno comerciante da cidadezinha de Farias Brito. Devido ao clima do sertão, o garoto Cariry foi obrigado a trocar de cidade um par de vezes: Ano chovia demais, tinha enchente; ano chovia de menos, haja seca. Mesmo assim, boa parte da infância e da adolescência viveu na periferia do Crato, no meio de emboladores, cantadores e poetas, que habitavam o balcão e as mesas da mercearia do seu pai.

Chegou em Fortaleza por volta de 75. Aqui, engajou-se no movimento estudantil-cultural-boêmio, lutando contra preconceitos e contra o absurdo da ditadura militar. Enfim, continuou a fazer “confusão” cultural, como nos tempos da Faculdade de Filosofia do Crato, quando ele e um grupo de amigos faziam performances absurdas: borrifavam professores com bombas de

matar mosquito, cheias d’água, etc.

A angústia, a memória, a ruptura, todas as faces do mosaico da cultura popular aparecem no trabalho de Rosemberg Cariry. “O que eu vejo é o povo em movimento”. Mesmo se dizendo anticlerical, ele reconhece também a influência contraditória da cultura popular, formada entre o carinho da avó que contava “causos” místicos e a repressão dos seminários do Cariri. Dando unidade ao mosaico, um desafio: criar um novo padrão estético, utilizando como ponto de partida os referenciais da cultura popular.

Ainda criança viu um filme projetado na parede de uma igreja. Ficou abismado com aquele telão, imenso. Agora, fazer cinema mesmo, só em 75. A fita se chamava “A Profana Comédia”, filmada em super 8. Depois, por volta de 85, veio “O Caldeirão”. Este trabalho abriu as portas para o jovem Rosemberg. Ele ganhou prêmios nacionais e estrangeiros, ficando conhecido no exterior.

Na contramão da crise, acaba de filmar “A Saga do Guerreiro Alumioso”. Uma grande produção, feita no interior do Nordeste, que já consumiu cerca de 400 mil dólares. Com o filme, o Ceará se coloca na vanguarda do cinema nacional, pois em 92 o Brasil só teve fôlego para produzir três longas-metragens.

Rosemberg diz que é um boêmio convicto, incorrigível e cíclico, que alterna os momentos de boemia com os de criação. Fuma o tempo inteiro, fala sem parar e sem perder os tês e dêns molengos da fala da Região do Cariri. Às vezes se preocupa com a saúde — “como já disse, estou menos suicida”. Rosemberg já conseguiu superar a época das dificuldades financeiras e sobrevive da renda de sua produtora, a Cariry Produções.

Rosemberg Cariry se reconhece como um boêmio convicto, incorrigível e cíclico, que alterna os momentos de boemia com os de criação.

Entrevista com o cineasta
Rosemberg Cariry, dia
15/07/92. Produção,
edição e texto final:
Carmen Brasil, Isabela
Martin e Rogério
Norões.

Participação: Luciene
Uchôa, Rogério Norões,
Fernanda da Escóssia,
Clayson Martins,
Carmen Brasil,
Christiane Viana, Lycia
Ribeiro, Isabela Martin,
Edgard Patrício,
Angélica Ramos,
Roberto Hipólito,
Henrique Silvestre e
Leônia Vieira.
Foto: Jarbas Oliveira.



Rosemberg Cariry se preocupa com a saúde, mas em duas horas e meia de entrevista, perdeu-se a conta do número de cigarros que fumou.

Laboratório de Jornalismo — Você assumiu esse sobrenome, Cariry, que é um nome artístico, porque você ainda cultua as origens, a terra que você nasceu?

Rosemberg Cariry — Existe uma paixão muito intensa por aquela região. O Cariri é um tema que me fascina profundamente, tanto pelo seu aspecto paisagístico como pela sua geografia humana, pela importância da cultura popular e dos monumentos da região. Cheguei em Fortaleza em 75. Antes, no Cariri, a gente fazia poesia e publicava revista de literatura, fazia teatro, as primeiras experiências de cinema. A minha referência do Cariri era uma coisa muito forte, então o pessoal me chamava de Rosemberg Cariry.

“O Cariri é um tema que me fascina profundamente, pela importância da cultura popular, pela sua geografia humana e monumentos”

Uma das primeiras investidas de Rosemberg na área de cinema aconteceu quando ele fez o roteiro de “A Profana Comédia”.

LJ — Como foi a saída do interior? Foi difícil deixar o Cariri?

RC — Não. Não.

LJ — Caririense é desgarrado?

RC — Como todo bom cearense. Mas ao mesmo tempo mantém aquela paixão pela terra. Não foi uma coisa difícil. Na verdade, tenho a minha vida um tanto quanto itinerante, sobre alguns aspectos. Na seca de 58 (ele tinha 5 anos), meu pai teve que arribar de Farias Brito (sua terra natal). Papai era pequeno negociante, e fomos morar em Cedro, onde tinha parte da família dele. No início da década de 60, houve uma enchente imensa e saímos de lá e fomos para o Crato. Minha pré-adolescência inteira foi no Crato. Onde conheci grandes nomes da cultura popular. Essa coisa do popular me marcou profundamente. Meu pai tinha uma bodega, então todos aqueles cantadores de feira, violeiros, o próprio Patativa do Assaré (famoso poeta popular nordestino, conhecido até na Europa) frequentava a bodega, ia almoçar lá em casa. Vem daí esse amor, essa relação com a cultura popular. Pouco tempo depois fui estudar nos seminários (“São Francisco”, em Juazeiro do Norte, e “Sagrada Família”, no Crato). Quando saí desses seminários,

No início deste ano, Rosemberg filmou “A Saga do Guerreiro Alumoso”, um dos três filmes produzidos no Brasil em 1992.

“Meu pai tinha uma bodega. Os cantadores de feiras violeiros frequentavam a bodega. É daí meu amor pela cultura popular”

era por volta de 68. Tava explodindo o mundo e o País. Encontrei tudo em alvoroço. Nessa época passei a ter os primeiros contatos com militantes de esquerda, com encontros clandestinos até no seminário. Depois, em 71, fui estudar em Ouro Preto, Minas Gerais. Essa foi uma das experiências mais marcantes. Uma época de intensa atividade, quando descobri que existia o modernismo. Pouco tempo depois arrebentou o A.I-5. Então, eu vivi essa efervescência política e cultural de forma intensa. O certo é que por dificuldades financeiras, terminei voltando para o Crato. Aí, a gente desenvolveu um movimento artístico chamado grupo de arte “Por Exemplo”. A gente fazia teatro, cinema, música. Depois, me casei. Em 75, vim para Fortaleza.

“Depois do seminário fui morar no Crato. Foi lá que comecei a tomar cachaça, namorar e fui levado pela primeira vez ao cabaré”

LJ — Como foi sua convivência com os dogmas da religião (no seminário)?

RC — Minha convivência mais difícil foi com o seminário franciscano. Uma coisa medieval, mesmo. A gente assistia a 3 missas por dia, vestia batina. Eram castigos terríveis. Passávamos de 3 meses em silêncio, sem poder se comunicar com os outros. As vezes se fazia bilhetinhos. Um medo terrível permeava aquele ambiente.

LJ — O seu pensamento questionador surgiu no seminário?

RC — Não. Houve uma experiência anterior (Ouro Preto). Agora, isso começou a efervescer durante o seminário. Minha primeira grande inquietação foi dentro do próprio seminário. Depois, terminei saindo. Estava ficando uma prisão pra mim, praticamente adoeci.

LJ — Você foi expulso do seminário?

RC — Chegaram a um consenso, meu pai e o clero (risos).

LJ — Como foi provar da liberdade, depois desse tempo?

RC — Eu morava na periferia do Crato. Esse lance de periferia me colocou em contato com uma série de artistas populares, de figuras populares. Foi a época que come-

“Cinema é uma paixão antiga. A grande e primeira coisa que me impressionou foi uma tela de cinema no “oitão” da igreja”

cei a tomar cachaça, namorar bastante, fui levado pela primeira vez ao cabaré. No outro seminário, que fui depois (“Sagrada Família”, dos padres alemães), encontrei um ambiente totalmente diferente, muito mais aberto. A gente podia conviver com a sociedade. A primeira vez que fumei maconha foi nesse seminário, por aí você tira.

LJ — E o cinema, hein Rosemberg?

RC — É uma paixão bastante antiga. Com 5 anos, lá em Farias Brito, já acontecia as missões dos padres capuchinhos. Eles levavam o cinema pra projetar. A grande primeira coisa que me chamou a atenção na vida foi uma tela de cinema, no “oitão” de uma Igreja. Foi uma coisa que me fascinou profundamente. Naquela época, existiam os cinemeiros ambulantes. Essa coisa veio marcar de forma decisiva. Outra coisa marcante foi a década de 70. Naquela época você conseguia ver grandes mestres no cinema comercial. Um filme que me marcou profundamente foi “O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade”, de Glauber Rocha. Quando vi esse filme, disse: “É possível, é isso”. Em 75, o Hélder Martins fez um filme chamado “Padre Cícero. O pa-



triarca do sertão”, com centena de atores, grandes fotógrafos, grandes técnicos. Uma produção cara. O Jéferson Júnior, na época, assistente de produção, me convidou para ajudar no filme, fazer uma ponta. Depois que acabou a produção, a primeira coisa que a gente pensou foi fazer um filme. Ai, escrevi um roteiro chamado “A Profana Comédia”, uma revisita a Dante, contada sob a perspectiva da cultura popular, do cordel. Esse foi meu primeiro trabalho.

LJ — Quando começou a entrar dinheiro? Nessa época parecia muito idealista.

RC — Ainda é muito idealista. Você imagina um talento como Arnaldo Jabor sobreviver escrevendo para a Folha de São Paulo, ou um talento da ordem de Nelson Pereira dos Santos, que há vários anos não filma. Neste País, um País que praticamente em duas décadas conseguiu produzir 3 obras-primas do cinema mundial (“Vidas Secas”, Deus e o Diabo na terra do sol”, “Os Fuzis”). Você tem a cinematografia como a americana, a maior indústria em atividade do mundo, quantas obras-primas produziu? Não tem 15.

LJ — Qual a receptividade dos seus trabalhos?

“Tínhamos uma relação esquizofrênica com o público. Queríamos quebrar conceitos. Tínhamos a pretensão de ser vanguarda”.

RC — A gente tinha uma relação bastante esquizofrênica com o público. Foi uma época que queríamos quebrar determinados conceitos. Tínhamos a pretensão de ser vanguarda. Por exemplo, invadiamos a Faculdade de Filosofia do Crato com bombas de “detefon”, com água dentro. Chegávamos na Praça da Sé e armávamos uma procissão. A relação com o público era muito louca. A sociedade cariense, principalmente a cratense, com aquela coisa de aristocracia rural decadente, era uma coisa profundamente conservadora. Nós pagávamos um preço.

LJ — Foi caro?

RC — Nós pagamos o preço da marginalização. Tanto que algumas pessoas desse grupo conseguiram se afirmar, outras enlouque-

ceram, outras piraram com lance de drogas. Uma coisa só possível de acontecer naquele tempo em plena ditadura militar.

LJ — Qual a relação do grupo com a religiosidade ali do Cariri, Juazeiro, Padre Cícero?

RC — Ao mesmo tempo que se desenvolveu uma coisa profundamente anticlerical, por conta, talvez, da minha vivência no seminário, eu tenho uma profunda admiração por São Francisco de Assis. Essa coisa me conflitou bastante. O certo é que me tornei anticlerical.

“Tornei-me anticlerical, talvez pela vivência no seminário. Mas tenho profunda admiração por São Francisco de Assis”

LJ — A religiosidade está bastante presente na sua obra?

RC — Muito mais a religiosidade popular. O Crato sempre teve uma posição muito elitista, cientificista da religiosidade do Cariri. Para o Crato, tudo aquilo era um bando de fanáticos, pobres e analfabetos. Sempre tentei enxergar naquele movimento outra coisa que não fosse aquela visão simplista.

LJ — O que você enxergava?

RC — Via um povo em movimento. Na tentativa de criação de uma religiosidade diferenciada da igreja oficial. Via uma coisa ao mesmo tempo submissão porque havia toda uma cultura de submissão imposta pela ideologia dominante da Igreja, ao mesmo tempo aquilo era uma possibilidade de ruptura. Um processo inacabado, uma “Canudos” estendida no tempo.

LJ — Qual é a estética que você tenta trabalhar?

RC — Uma coisa que me deixa indignado é o que está acontecendo com os grandes mestres da cultura popular do Ceará. O mestre Chico do Cedro, da Banda Cabaçal, morreu de fome. Zé Gado, um dos maiores mestres do povo, morreu de fome. Dona Cícera do Barro Cru, que tem obras na Europa, no Museu do Louvre, em Paris, morreu de fome. Fico me perguntando: “Que sociedade é essa?”. É uma sociedade que tem tal desprezo por si mesma, uma coisa única. Nunca vi um povo para ter tanto desprezo por si mesmo como o cearense. Caberia um seminário sobre isso.

LJ — A população que sofre a miséria consegue se vê na mensagem que você tenta passar?

RC — Rapaz, acho que sim. A gente termina amadurecendo mais um pouco, e aquela coisa meio suicida da juventude vai tomando outros aspectos. Por exemplo, o “Caldeirão” é um filme maduro e se comunica muito bem popularmente. O grande caminho desse filme foi as organizações populares. Diversas organizações de assentamentos de reforma agrária se espelhavam na experiência coletivista do Caldeirão. Então, esse filme deu uma contribuição muito grande na área acadêmica. Pela primeira vez se abordou a questão através da arte. E depois do filme que surgem as primeiras teses sobre o Caldeirão. Mas a importância maior foi a receptividade popular que o filme teve. Ele fez uma coisa fantástica, as pessoas que viam “O Caldeirão”, os remanescentes, que viviam escondidos e envergonhados, tamanho foi o massacre, tamanha foi a perseguição e a propaganda, que aquilo tinha sido algo monstruoso. Hoje eles já falam, se orgulham de ter participado da história do nosso povo.

LJ — Você aceitaria um trabalho por encomenda, mesmo que você não se identifique com o trabalho?

RC — Aceito, e deixo meu telefone.

LJ — Ah, Rosemberg. Então não é mais tão idealista assim, não.

RC — Claro que não. É como eu falei, não mais suicida. Mas ao mesmo tempo idealista, porque há paixões que são únicas na vida.

“Os grandes mestres da cultura popular do Ceará morreram de fome. Isto me deixa indignado. Que sociedade é essa?”

Então, essas paixões devem ser vividas com toda a intensidade e com todo o preço que se deva pagar por isso. “O Caldeirão”, só pra você ter uma idéia, na época eu trabalhava na Imprensa Oficial (IOCE), ganhava o correspondente a 2 salários e sonhando fazer cinema. Ou seja, é impossível, é uma loucura. Mas me decidi a fazer o filme. Consegui uma disposição. Conheci um cara chamado Ronaldo Nunes, que disse que tinha uma câmera. Consegui muito

Cariry já foi militante do PC do B e acha que depois da derrocada do Leste Europeu, os partidos de esquerda devem fazer reflexões.

Cariry é casado com a atriz Teta Maki, tem três filhos. Petrus Cariry escreve roteiros com influência marcadamente americana.

Rosemberg Cariry é um amante da boa cachaça. Bebe porque gosta, para ajudar na inspiração e para falar a linguagem do ‘bebo’.



Rosemberg decidiu filmar "O Cadeirão" com a cara e a coragem. Na época ele trabalhava na IOCE e ganhava dois salários mínimos.

Apesar do excesso de álcool e fumo, Rosemberg Cariry diz que não tem impulso suicida, mas uma angústia muito intensa.

Rosemberg é dono da produtora Cariry vídeo. Ele diz que aceita qualquer trabalho que não atinja a dignidade e direitos humanos.

negativo vencido, ponta de negativo. Foi uma verdadeira loucura, um mutirão, que reuniu muitos amigos e passamos quase 2 anos fazendo esse filme. Uma coisa louca, dispendiosa. Era dinheiro do meu bolso, dinheiro de amigos. Chegou num ponto tal, que eu falei com um deputado chamado Raimundo Bezerra. Escrevi uma carta e ele levou para o Gonzaga Mota (então governador do Estado). Pela primeira vez o Gonzaga liberou uma grana. O Marcondes Rosa (Pró-reitor da UFC) conseguiu 10 latas de negativo. Aí deslanchei o filme. Concluí as entrevistas. Naquela época a Embrafilme tinha um concurso, você mandava seu roteiro e conseguiu a finalização.

LJ — Como está a relação com o poder cultural estabelecido? Melhorou? Piorou?

RC — Eu tenho um projeto que sonhava há muito tempo, chamado "A Saga do Guerreiro Alumioso". Arranjei algumas coproduções, alguns apoios internacionais para a realização do filme. Passou um ano e eu pensando como fazer esse projeto. Resolvi escrever uma carta para o governador (Ciro Gomes), dizendo o seguinte: "Estou com um filme. Vai custar 400 mil dólares e considero fundamental. Pedi 50 mil dólares. O certo é que o Estado participou. Acho que fez um bom negócio, porque no País este ano só foram produzidos 3 filmes. O Ceará está sendo o cabeça da vanguarda do cinema brasileiro, latino-americano, com 1 filme.

“Procuro nunca fazer qualquer coisa que atinja a dignidade do homem. Nunca fiz nada contra negro, minorias ou homossexuais”

LJ — A sua produtora (Cariry Vídeo) pode ter restrição ideológica a algum trabalho?

RC — Rapaz, tem. Procuro nunca fazer qualquer coisa que atinja a dignidade do homem, a alguns direitos. Ou seja, nunca fiz nada contra negro, minorias ou homossexual. Nunca trabalhei para latifundiários.

LJ — Se tiver uma proposta, vamos dizer, do governo do Estado

para fazer uma campanha para prefeito. Você faz?

RC — Faço.

LJ — Qual a diferença de trabalhar para o Assis e para o Collor?

RC — Você queira ou não queira, é uma coisa inegável: a entrada do Sr. Tasso Jereissati trouxe transformações para o Estado. Você quer jogar o Tasso e o Collor no mesmo saco, não sei... (tom de de-

“Sou um boêmio incorrigível e cíclico. Quando estou angustiado, criando, bebo cachaça. A cachaça é um dado cultural comum”

saprovação). É a mesma coisa que dizer que o Juraci (Magalhães, prefeito de Fortaleza) não está fazendo uma administração boa. Ele tá. Agora, se você perguntar pelos interesses das empreiteiras, aí a gente entra em outra discussão. Com relação ao Tasso, não houve nenhuma revolução, longe disso. Continuam mil vícios.

LJ — O PC do B (ele já foi militante deste partido) está no caminho certo?

RC — Todos os partidos de esquerda têm que repensar algumas questões depois da derrocada da burocracia dita socialista do Leste Europeu. Havia, por exemplo, a questão do stalinismo, a censura. Uma série de coisas que sempre foi uma briga interna muito forte. A maioria dos artistas que militavam no PC do B sempre foi contrária a algumas leituras, algumas posições mais sectárias. O artista geralmente tem que ser mais aberto, humanitário.

LJ — Você é boêmio?

RC — Sou incorrigível (risos) e cíclico também.

LJ — Cíclico, por quê?

RC — Geralmente, quando estou angustiado, criando ou coisa parecida, bebo cachaça. A cachaça é um dado cultural-comum. Na década de 70, principalmente lá em Ouro Preto, essa coisa virou uma coisa quase doentia. Era aquela época da repressão, do medo. E Ouro Preto é uma cidade muito triste, fria, cheia de névoa, cemitério, igrejas barrocas, mórbidas. Então se bebia muito nessa época.

LJ — Se bebia pra quê?

RC — Não sei. Era para brincar, conversar, ouvir música. Pra qualquer coisa. Deixa só dizer porque cíclico. Porque às vezes es-

tu assim e tal, dá uma vontade louca de beber e falar a linguagem do "bebo" (com voz simulando embriaguez), dá vontade de conversar, discutir, contar vantagens. Ou seja, coisa normal.

LJ — Você fala em angústia e criação, tem alguma relação?

RC — Tá profundamente ligado. É uma mistura muito louca. Com relação ao filme que acabei de fazer ("A Saga do Guerreiro Alumioso"). Você vinha de uma impotência, do saber fazer, do ter criado e não poder realizar. Imagina você ser casado com uma mulher bonita, que você ama e ser impotente. Quando você pode, são tantas as frustrações acumuladas, tantas as responsabilidades, tantas as emoções. É como se fosse um biodrama. Você trabalha o tempo inteiro no fio da navalha. Você arrisca.

LJ — Quando é que o Rosemberg passou a ter 300 desaforos na ponta da língua? Era pra quem?

RC — Esse livro ("Inaron, na ponta da língua trago 300 mil desaforos") é típico da década de 70, da minha vivência histórica dessa época da rebeldia. Um livro

“Às vezes dá uma vontade de beber e falar a linguagem do “bebo”, de conversar, discutir, contar vantagem. Ou seja, coisa normal”

que está profundamente marcado pela militância marxista. Na verdade são sextilhas, que dizem assim: "Sou berisco do Teixeira/ Furo pau, furo tijolo/ Mando a mão, já vejo a queda/ Mando o pé, já vejo o rolo/ Na ponta da língua trago 300 mil desaforos". É uma carta desaforada que queria mandar ao mundo. Uma coisa muito pretenciosa. Um testemunho sobre o que eu vivia. Hoje, lendo, não conseguiria mais escrever um livro daqueles. Não teria o mesmo ímpeto. Historicamente não estou vivendo a mesma situação. Hoje seria traduzida de uma forma estética diferente, menos raivosa. Estou resgatando o lirismo que tinha esquecido.

LJ — Como é o Rosemberg marido?

RC — A minha mulher participa do meu trabalho. Me ajuda bastante (sic). Ela é atriz (é chamada Teta Maia). Ela fez um dos papéis principais do último filme, ajudou muito na produção.



LJ — Como é o relacionamento com seus filhos?

RC — Adoro crianças. Tenho um relacionamento com os filhos (3) muito bom. Tenho um filho adolescente (Petrus Cariry). Ele é um cara muito ligado na questão da imagem, escreve roteiros. Mas a influência dele é marcadamente americana. Ele tá mais pra Spiel-

“Angústia e criação estão ligadas. Imagina você ser casado e impotente. Quando você pode, são tantas frustrações acumuladas”

berg do que pra Rosemberg Cariry. Agora estamos passando por um processo de rupturas, normal nessa idade.

LJ — O Petrus está com 14 anos, anda com os próprios colegas, tomando decisões. A questão da droga te preocupa?

RC — Preocupa. Mas não é que eu vá reprimir. Na minha adolescência e juventude andei por esse caminho, sei do que se trata. Não são caminhos fáceis. Você pode chegar num certo grau de maturidade, de estabilidade emocional, que se pode até fazer uso da droga com um certo conforto. Vamos dizer, o fumo, para aguçar a tua sensibilidade, fazer uma música. Mas isso depende de cada pessoa. Agora, por trás disso (droga) você tem uma verdadeira máfia, profundamente cruel. E um filho é uma coisa que você ama tanto, que você não tá a fim de jogar com o futuro dele.

LJ — Que tipo de droga você utilizou, Rosemberg?

RC — Rapaz, na época, fumava maconha. Teve a época da viagem com cogumelo. Uma coisa mais ligada às experiências metafísicas. Cheguei a cheirar pó. LSD, não.

LJ — O Petrus sabe disso?

RC — (risos) Você vai mostrar a entrevista pra ele?

LJ — Você fuma e bebe. A tua saúde te preocupa?

RC — Olha, preocupa. Fumo há muito tempo. Bebo há muito tempo. É possível que com 39 anos a máquina comece a cansar. Tenho procurado ler sobre álcool, cigarro e tal. De vez em quando dou umas paradas no cigarro. Mas é uma dependência psicológica in-

crível. O álcool, não. É uma coisa que entorpece. É a própria nicoti-

“Não sou mais suicida, mas ainda idealista porque há paixões. E elas devem ser vividas apesar do preço que se pague por isso”

na. A dose de nicotina diária que meu corpo pede. Se não fumar, não consigo escrever, fico irrequieto, irritadiço, briguento, impaciente. Uma dificuldade louca.

LJ — Tá com medo de morrer?

RC — Não. Mas estou pensando em conciliar as coisas, me poupar um pouco. Ou seja, a tendência suicida que tem nessas coisas (álcool/fumo) pode ser controlada.

LJ — Você tem instintos suicidas?

RC — Bicho, tenho. Não diria impulso suicida, mas uma angústia muito intensa.

Rosemberg Cariry sofreu das dores do típico nordestino. Por causa do inverno forte ou da seca, trocou de cidades várias vezes.

Rosemberg Cariry passou toda a pré-adolescência no Crato. Foi lá onde conheceu grandes nomes da cultura popular.

A comunicação é fundamental para quem pretende crescer e aparecer. Uma boa assessoria de comunicação é o começo de tudo. Jornais, releases, revistas, folders e cartazes são veículos dessa comunicação. É importante pensar nisso. Afinal, a 1a. Impressão é a que fica!

IMPRESSÃO
COMUNICAÇÕES
Avenida da Universidade, 2446 Benfica Fone: 2215897